

MULHERES EXTRAORDINÁRIAS: HISTÓRIAS DE MULHERES INSPIRADORAS NA PROMOÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS TRANSFORMADORAS

Extraordinary women: inspiring stories of women promoting transformative educational practices

Ana Beatriz Santos Ferreira¹
Maria Eugênia Oliveira Arruda¹
Maria de Fátima Rodrigues Lopes¹
Marcos Aurélio Rodrigues Lopes¹
Cristiane Rodrigues Uchôa²
Ticiania Maria Gomes Carneiro³

RESUMO

O projeto foi desenvolvido na **EEMTI Tomé Gomes dos Santos** em Paramoti-CE, com o objetivo de resgatar e destacar histórias de mulheres com trajetórias inspiradoras, a fim de possibilitar estratégias pedagógicas que valorizem o protagonismo feminino e contribua com o processo de desconstrução de estereótipos. Nesse contexto, a construção de uma educação sem discriminação e preconceitos são imprescindíveis. A metodologia compreendeu de uma pesquisa bibliográfica e de campo, fundamentada na abordagem quantitativa e qualitativa. A partir de relatos de mulheres protagonistas do município de Paramoti-CE, e biografias de personalidades femininas nacionais e internacionais subsidiaram a elaboração do livro *Mulheres Extraordinárias: elas e seus poderes de transformação*. Com os dados da pesquisa foram elaborados materiais didáticos e duas estantes itinerantes que foram utilizadas semanalmente em círculos de leitura e oficinas realizadas na EEMTI Tomé Gomos dos Santos e em quatro Escolas da Rede Municipal de Paramoti-CE. O conjunto de ações construídas no percurso do desenvolvimento do projeto permitiu conhecer e divulgar histórias de mulheres, cujo as trajetórias se mostram como inspiradoras para

ABSTRACT

*The project was developed at EEMTI Tomé Gomes dos Santos in Paramoti-CE, with the aim of rescuing and highlighting stories of women with inspiring trajectories, in order to enable pedagogical strategies that value female protagonism and contribute to the process of deconstructing stereotypes. In this context, the construction of an education without discrimination and prejudice is essential. The methodology comprised bibliographical and field research, based on a quantitative and qualitative approach. Based on reports from female protagonists from the municipality of Paramoti-CE, and biographies of national and international female personalities, they supported the preparation of the book *Extraordinary Women: them and their powers of transformation*. Using the research data, teaching materials and two traveling shelves were created and used weekly in reading circles and workshops held at EEMTI Tomé Gomos dos Santos and in four schools in the Municipal Network of Paramoti-CE. The set of actions built during the development of the project made it possible to learn about and disseminate stories of women, whose trajectories prove to be inspiring to discuss gender relations in the classroom to educate boys against sexist practices and combat social*

1. Estudante da EEMTI Tomé Gomes dos Santos.

2. Pós Graduada em História, Filosofia e Sociologia. Professora da EEMTI Tomé Gomes dos Santos.

3. Pós Graduada em Língua Portuguesa. Professora da EEMTI Tomé Gomes dos Santos.

discutir relações de gênero em sala de aula para educar os meninos contra práticas machistas e combater desigualdades sociais, visando promover um ambiente escolar mais igualitário.

inequalities, aiming to promote a more egalitarian school environment.

Keywords: *Woman. Biography. History. Equity. Inclusion.*

Palavras-chave: Mulher. Biografia. História. Equidade. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto visa desconstruir os rastros atemporais do histórico da discriminação em relação as mulheres no Brasil, tendo como ferramenta o uso da roda de leitura na construção de pensamentos críticos, novas descobertas, desenvolvimento da imaginação e oralidade, com os estudantes da EEMTI Tomé Gomes dos Santos do município de Paramoti e de 02 as Escolas Municipais e CEI – Centro de Educação Infantil, por meio de duas estantes itinerantes.

A literatura brasileira é rica e apresenta várias obras que valorizam a identidade, como Clarice Lispector, Carolina de Jesus, Raquel de Queiroz e Cecília Meireles. Desta, forma resgatar e documentar histórias de mulheres da comunidade local podem contribuir para a ruptura de modelos de representação que inferiorizam a população das mulheres, sejam elas, negras, indígenas, brancas, com deficiência, gordas ou magras. Então, partimos do seguinte questionamento: a elaboração de um livro e de recursos didáticos que tratem sobre histórias e experiências de mulheres do município de Paramoti-CE e de destaque nacional e internacional poderão contribuir com desconstrução de estereótipos e a valorização das mulheres?

Apesar do legado construído, é sabido que, ao longo da história da humanidade, a resposta social e coletiva dada à vida das mulheres é de desvalorização, carregada de sistemas de preconceitos e práticas discriminatórias, opressoras e reprodutoras de violências.

Ademais, as mulheres foram frequentemente excluídas dos espaços de poder, incluindo a literatura. Muitas autoras talentosas foram ignoradas ou esquecidas, e suas obras não receberam a atenção que mereciam. Esse silenciamento é evidenciado pela escassez de registros e pela predominância de vozes masculinas na literatura clássica. Exemplo disso, Clotilde Barbosa, foi a primeira professora do sexo feminino a lecionar na Escola Normal do Estado do Ceará e começou a escrever desde jovem, abordando temas como a luta das mulheres, a vida no sertão e as questões sociais. Sua trajetória foi marcada pelo silenciamento e pela dificuldade de publicação. Muitas de suas obras não foram publicadas sob seu nome, refletindo as barreiras que as mulheres enfrentavam no campo literário.

Em razão disso, a leitura é capaz de libertar o leitor de um processo de formação alienador. Temas como

preconceitos pode ser debatido por meio de narrativas de história de mulheres emancipadoras ou por meio de narrativas de obras sobre protagonismo de mulheres.

Assim, desconstruindo as relações sociais conservadoras, classistas e de dominação entre os homens. Na antiguidade, por exemplo, as mulheres com deficiência, tidas como disformes, eram submetidas ao abandono ou eram sacrificadas.

Diante desse cenário é necessário repensar a maneira como as mulheres com deficiência são vistas e acolhidas. Acolher, escutar mais que isso, mobilizar para apoiar a luta. Dar voz às mulheres com deficiências de diferentes etnias ou raças é urgente e necessário.

Podemos elencar mulheres com deficiência que, com a singularidade de suas diferenças, tiveram, na totalidade da vida social, suas objetivações humanas sobressaltadas internacionalmente em diferentes momentos sócio-históricos: **Frida Kahlo**, pintora mexicana comunista; **Michele Simões**, fundadora do Meu Corpo é Real, **Carolina Ignarra**, sócia-fundadora da Talento Incluir, **Andrea Schwarz**, fundadora da Igual e CEO da EqualWeb no Brasil, **Flávia Cintra**, jornalista do Fantástico e fundadora do Instituto Paradigma, **Luciana Viegas**, criadora do Movimento Vidas Negras com Deficiência Importam e gerente de projetos sociais do Não Inviabilize, **Maria da Penha Maia Fernandes**, ativista do direito das mulheres e farmacêutica, **Mara Cristina Gabrilli**, senadora e representante no Comitê sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, dentre várias pessoas.

Atualmente sabe-se que a desigualdade vem diminuindo, pois com a globalização o assunto passou a ser cada vez mais discutido, fazendo com que as mulheres exijam seus direitos de igualdade entre os gêneros. Tanto que, consta na Constituição Federal Brasileira que "homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações."

A igualdade de gênero está estagnada: ainda falta 131 anos para eliminar as desigualdades entre homens e mulheres. Os dados são do Fórum Econômico Mundial, de pesquisa publicada em 2023. Sabemos que as diferenças de gênero são manifestadas nas mais diversas áreas: nível educacional, acesso à renda, presença no mercado de trabalho formal, chegada a cargos de lideranças, saúde física e mental, participação em cargos públicos são alguns dos entraves que distanciam daquilo que reza a constituição com que de fato acontece.

Na busca pelos direitos da pessoa com deficiência, um lema importante é o "nada sobre nós sem nós", significa protagonismo, que nossa voz deve servir de base para as decisões, para as políticas públicas e para os serviços. Assim, é necessário que tenhamos conhecimento dos nossos direitos, dos movimentos que conquistaram os direitos que temos hoje e do futuro que queremos construir para nós e para as pessoas com deficiência que virão depois de nós.

O objetivo geral deste projeto é conhecer e valorizar as histórias de mulheres inspiradoras do município de Paramoti-CE, bem como de figuras femininas de destaque em âmbito nacional e internacional. A partir dessas trajetórias, busca-se identificar e disponibilizar estratégias e práticas pedagógicas transformadoras que possam ser utilizadas no ambiente escolar. Tais práticas visam à desconstrução de estereótipos de gênero e à promoção de uma formação crítica e cidadã dos estudantes, contribuindo para uma educação mais inclusiva, equitativa e comprometida com a justiça social.

Os objetivos específicos deste projeto visam a implementação de ações pedagógicas transformadoras e o fortalecimento da educação crítica. O primeiro objetivo é elaborar um livro com histórias de mulheres inspiradoras, contendo relatos, memórias, experiências, biografias e fotografias que simbolizam o rompimento de barreiras em diferentes culturas e épocas. Para a elaboração deste livro, será realizada a entrevista com mulheres paramotienses, a fim de coletar relatos e experiências que enriquecerão o conteúdo. Em seguida, será criado um Oráculo com as histórias dessas mulheres, que servirá como um guia de autoconhecimento e de desenvolvimento de competências socioemocionais para as estudantes da EEMTI Tomé Gomes dos Santos.

O projeto também prevê a disponibilização de uma estante bibliográfica itinerante para as escolas da rede municipal, com obras, seqüências didáticas, jogos e materiais visuais que promovam práticas pedagógicas inclusivas. Além disso, será incentivada a leitura crítica sobre acontecimentos históricos e do cotidiano, articulando-os com as teorias que discutem a exclusão das mulheres, por meio de rodas de leitura que ampliem o repertório literário e reflexivo dos alunos. Por fim, o projeto busca desconstruir a ideia de inferioridade da mulher e empoderar meninos e meninas, promovendo uma leitura crítica de mundo através das biografias de mulheres locais, nacionais e internacionais, com o intuito de fomentar o respeito, a igualdade de gênero e o protagonismo feminino.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Historicamente, percebemos que a mulher foi vista como alguém que precisava ser submissa à figura masculina, tendo seu papel reduzido à procriação e aos cuidados do marido, dos filhos e da casa. Podemos observar que as mulheres negras trabalhavam nas casas dos homens brancos e ricos, realizando trabalho domésticos não remunerados e, em muitos casos serviam como objeto de satisfação sexual desses homens. Com a industrialização, houve um aumento do número de mulheres, principalmente aquelas mais pobres, trabalhando com mão de obra barata. Desde então, muitas lutas foram travadas, principalmente, pelas feministas, para se chegar ao que hoje temos como direitos trabalhistas.

As diferenças biológicas entre mulheres e homens são apenas diferenças não produzem, por si mesmas,

desigualdade. Mas as diferenças sociais, cuja construção é iniciada antes mesmo do nascimento, produzem desigualdade entre mulheres e homens. Diferença sim, desigualdade não!

A desigualdade socialmente construída produz desequilíbrio de poder entre mulheres e homens, geralmente com desvantagem para elas. E é no desequilíbrio de poder que a violência acontece. De acordo com a OMS [Organização Mundial da Saúde], a violência contra as mulheres pode se manifestar de diferentes formas e em diferentes contextos, dados estatísticos mostram, que apesar das diversas leis existentes, os crimes que ocorrem atualmente, são 80% de homens contra mulheres, e destes, mais de 40%, resultam em mortes. Mulheres com deficiência encontram-se em situação de maior opressão, pois enfrentam uma combinação de violência. Segundo Augusto dos Anjos: "A mão que afaga é a mesma que apedreja." A violência ou o abuso contra mulheres com deficiência são, na maioria das vezes, cometidos por seus cônjuges ou parceiros. O Banco Mundial afirma que elas podem enfrentar até 10 vezes mais agressões do que mulheres e meninas sem deficiência. As mulheres mais suscetíveis à violência são aquelas com autismo, deficiências auditivas, visuais, psicossociais ou intelectuais, segundo a American Psychological Association.

Os avanços importantes como o surgimento da pílula anticoncepcional, o direito ao voto e à educação, melhores condições de trabalho, entre outros. Entretanto, ainda hoje nos deparamos com pensamentos e comportamentos de diferenciação quanto ao papel da mulher e do homem sobre os cuidados da casa e dos filhos, resultando em duplas jornadas de trabalho e diferenças salariais para mesmas funções que ocupam. Além disso, diversos grupos ainda nos veem como um objeto frágil, de submissão masculina e que necessitam corresponder a um padrão estético corporal de beleza, tornando-nos vulneráveis à violência em diferentes contextos sociais. É importante ressaltar que, na atualidade, em razão do movimento das mulheres, as dimensões das relações de gênero passam a ser reconhecidas pelo Direito. No entanto, essas disposições jurídicas ainda não conseguem abarcar a diversidade e a totalidade das mulheres em suas especificidades.

Segundo Maria da Penha [2009 p.45] "Somente por meio da educação poderemos ter, a longo prazo, uma sociedade menos machista e mais igualitária". Nesse sentido, a escola é um espaço de socialização e pode ser o primeiro local onde as crianças passam a conviver com as diferenças. Além disso, também é um lugar de construção de identidade, desenvolvimento de pensamento crítico e percepção do outro, criando assim um ambiente escolar onde educa os meninos contra as práticas machistas, quebrando as barreiras das desigualdades sociais gerados pela ideologia de existência de seres superiores e inferiores, que culminaram em um cenário de discriminação diante do patriarcado, sexismo, misoginia e as práticas machistas.

3 METODOLOGIA

O presente projeto inicia com pesquisa exploratória como uma investigação com o intuito de saber o

conhecimento dos estudantes e dos professores da área de linguagens e códigos da EEMTI Tomé Gomes dos Santos sobre a relevância da inclusão das mulheres. Nessa perspectiva realizou-se uma pesquisa bibliográfica e de campo com abordagens quantitativas e qualitativas, através da coleta de dados e construção de gráficos a partir dos resultados coletados. A pesquisa está estruturada a partir das seguintes etapas:

1. Realização de entrevistas com mulheres de Paramoti para conhecer suas vivências e contribuições à sociedade.
2. Elaboração do livro "Mulheres Extraordinárias", com biografias de mulheres de Paramoti, nacionais e internacionais.
3. Baseado nas histórias do livro supramencionado, desenvolvemos o site 'Elas e Seus Poderes de Transformação', com uma biblioteca virtual para expandir os materiais de forma inovadora à comunidade escolar. Link do site: <https://projetoelas.shop/>
4. Círculos de Leitura semanal dialogando biografias e obras de mulheres emancipadoras e empoderadas nas diversas áreas da sociedade, analisando documentário, livro de passatempo e álbum de figurinha com o material disponibilizado na Estante: Poder das vozes femininas e rodas de conversa sobre equidade de gênero, Empoderamento feminino, direitos conquistados e violência doméstica e familiar.
5. Construção do oráculo, com atividades que ajudam uma pessoa a explorar suas próprias emoções, pensamentos, valores e desejos, auxiliando na reflexão da vida, tomada de decisões e autoconhecimento.
6. Criação de sequências didáticas com objetivo principal estruturar o processo de ensino e aprendizagem, facilitando a aquisição de conhecimentos pelos alunos.
7. Elaboração de 02 Estante Itinerante: Mulheres extraordinárias: biografias e seus poderes de transformações para Escolas Municipais e os Centros de Educação Infantil.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A escola é um espaço de socialização onde crianças e adolescentes aprendem a conviver com as diferenças e constroem sua identidade, desenvolvendo pensamento crítico e empatia. No entanto, o estigma de gênero e a exclusão das mulheres ainda são problemas presentes na sociedade. Portanto, é essencial implementar propostas pedagógicas inclusivas que promovam discussões sobre relações de gênero em sala de aula. 0

objetivo é educar os meninos contra práticas machistas e combater as desigualdades sociais, desafiando a ideologia de superioridade que perpetua a discriminação patriarcal. Para caráter de embasamento teórico realizamos o seguinte questionamento com os 150 estudantes:

1. "Você conhece alguma mulher que protagonizou alguma descoberta científica?" Na 1ª aplicação, dos estudantes questionados, 16% responderam que sim e 84% que não. Esses dados indicam que os entrevistados desconhecem a história de mulheres que desempenharam papéis cruciais em suas áreas, frequentemente esquecidas nas narrativas históricas, como Marie Curie, Rosalind Franklin, Ada Lovelace, entre outras. Na segunda aplicação, 32% responderam que sim e 68% que não, mostrando que, após as ações do projeto, houve um aumento no reconhecimento das contribuições dessas mulheres.

2. "Você acha que mulheres enfrentam preconceito por sua raça e gênero?". Dos estudantes questionados, 84% dos estudantes responderam sim e 16% não. Esses dados indicam que os preconceitos relacionados à raça e gênero estão interligados e impactam profundamente a sociedade, afetando oportunidades e a dignidade das pessoas. Na segunda aplicação, 93,5% responderam sim e 6,5% não, destacando que respeito, empatia e igualdade são fundamentais para promover uma sociedade mais justa e equitativa.

3. "Você conhece alguma lei ou projeto que defenda as mulheres de diferentes violências que sofrem?". Dos estudantes questionados, 61% dos estudantes responderam sim e 39% não. Isso indica que as leis e projetos são fundamentais para proteger e dignificar as mulheres, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária. Na segunda aplicação, 90% responderam sim e 10% não, evidenciando que as ações do projeto foram eficazes no enfrentamento e na redução da violência de gênero.

4. "Você já presenciou violência contra PcD por motivo de etnia ou gênero?" Dos estudantes questionados, 29,7% dos estudantes responderam sim e 70,3% não. A maioria não percebe a gravidade dos dados sobre violência contra PcD, que indicam um cenário alarmante que requer atenção e ações urgentes. Esse fenômeno é multifacetado e demanda uma análise profunda de fatores sociais, culturais e estruturais. Na segunda aplicação, 64% responderam sim e 36% não, mostrando que a proteção das PcD exige uma abordagem integrada, incluindo educação, apoio psicológico, melhorias nas políticas públicas e mobilização social para mudar percepções e comportamentos. Garantir um ambiente seguro e inclusivo para todos é fundamental.

5. "Você conhece alguma mulher com deficiência que foi protagonista de uma descoberta ou conquista e não foi reconhecida?" Dos estudantes questionados, apenas 9% dos estudantes responderam sim e 91% não. Isso indica que a maioria não conhecia mulheres com deficiência que tiveram conquistas significativas, como Helen Keller, Temple Grandin, Frida Kahlo e Marlee Matlin. Na segunda aplicação, 86% responderam sim e 14% não, mostrando que essas mulheres não apenas realizaram conquistas em suas áreas, mas também desafiaram estigmas e contribuíram para a visibilidade e os direitos das pessoas com deficiência.

6. "Você já leu livros que contam história de mulheres?" Dos estudantes questionados, 20% dos estudantes responderam sim e 80% não. Isso indica que a maioria dos entrevistados não tem acesso às obras de autoras ou não se interessa por elas, o que pode ser atribuído a vários fatores, como a predominância histórica de autores masculinos e a falta de conscientização sobre escritoras. Além disso, estereótipos de gênero e práticas de marketing que favorecem homens contribuem para essa situação. Na segunda aplicação, 60,3% responderam sim e 39,7% não, mostrando que gêneros literários associados a mulheres frequentemente recebem menos prestígio. Essa combinação de fatores perpetua a sub-representação das mulheres na literatura, destacando a importância de promover suas obras e desafiar preconceitos para uma representação mais equilibrada.

7. "Você conhece algum direito que as mulheres conquistaram ao longo da história?" Dos estudantes questionados, apenas 9,1% dos estudantes responderam sim e 90,9% não. Isso indica que a maioria não conhece as lutas das mulheres pelo direito ao voto, à educação, ao trabalho, à saúde e à proteção contra a violência. As conquistas femininas não apenas empoderam as mulheres, mas também beneficiam a sociedade, pois a inclusão e participação ativa das mulheres promovem progresso econômico e social. Na segunda aplicação, 86% responderam sim e 14% não, destacando que o conhecimento sobre os direitos conquistados ajuda a desafiar estereótipos de gênero e promove uma cultura de respeito e igualdade. A defesa contínua desses direitos é essencial para garantir que futuras gerações de mulheres tenham um mundo mais justo e igualitário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É relevante salientar que apesar da existência dos preconceitos e da forma como ele se estrutura na sociedade, ou seja, com base em uma construção histórico-cultural percebe-se que, aos poucos, alguns movimentos vão tomando força e conquistando seu espaço na busca contínua pela dizimação total dos elementos que corroboram tal prática e, portanto, o espaço escolar não poderia ficar de fora dessa realidade

Nessa perspectiva, conclui-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, pois através da metodologia usada no desenvolvimento desse estudo pode-se compreender que a leitura é capaz de auxiliar no combate ao preconceito e a discriminação. Uma vez que na fala da professora, bem como na expressão das crianças notou-se nitidamente o quanto a literatura os ajuda no seu processo de construção da identidade o que perpassa pelo reconhecimento e aceitação de si e de sua história. Portanto, reiteramos a necessidade de se trabalhar essa temática em sala de aula utilizando a leitura como ferramenta de apoio. Que mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres brancas e mulheres com deficiência, mulheres LGBT, mulheres gordas...possam saber quem são, se reconhecerem e se orgulharem. E que toda a sociedade evolua e possa acolhê-las de modo consciente, tratando-as com respeito, empatia e igualdade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. A Lei Maria da Penha e os Tipos de Violência contra a Mulher. In VIZA, B. H. SARTORI, M. C.; ZANELLO, V. **Maria da Penha vai à escola**: educar para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: TJDFT, 2017. p. 39-51.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05.10.1988. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 abril.2024

HASSOUNEH-PHILLIPS, D. Understanding abuse of women with physical disabilities an overview of the abuse pathways model. **Advances in Nursing Science**, v. 28, n. 1, p. 70-80, jan./mar. 2005.

LIMA, Iviana Gonçalves de. et al. A literatura infantil como recurso facilitador no processo DE INCLUSÃO ESCOLAR. IN: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA. Campina Grande-PB. **Anais do II CINTEDI**, 2016.

MARIA DA PENHA. **Uma história de vida!** TEDxFortaleza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-TRSFtdaBbvs>. Acesso em: 16 ago. 2024.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Ministério celebra mudança na Lei Maria da Penha, que torna obrigatório informar se a vítima tem deficiência**. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/junho/ministerio-celebra-mudanca-na-lei-maria-da-penha-que-torna-obrigatorio-informar-se-a-vitima-tem-deficiencia>. Acesso em: 26 mar. 2024.

ONU. **Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Disponível em: <https://www.un.org>. Acesso em: 22 mar. 2024.